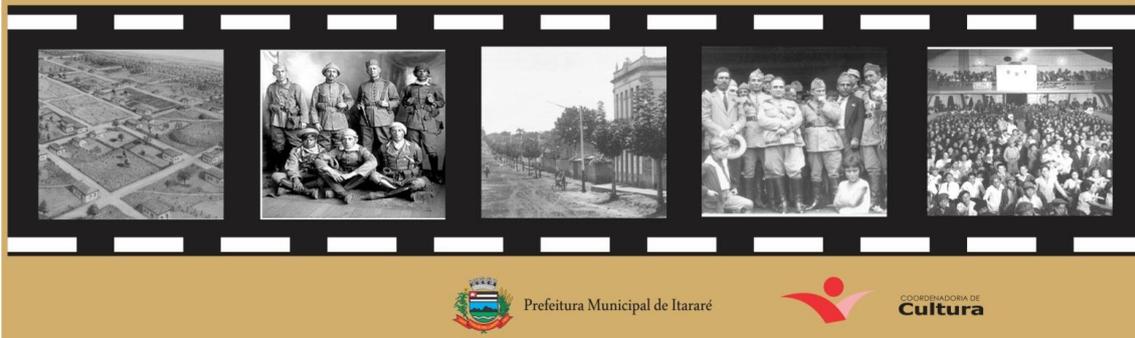


Memórias Que o Rio Cavou



Prefeitura Municipal de Itararé



COORDENADORIA DE
Cultura

A trajetória do cinema em Itararé

Matheus Aleixo Macedo Silva¹

Se observarmos a grande maioria das cidades pequenas espalhadas pelo Brasil atual, dificilmente encontraremos um cinema em funcionamento. Não é fácil encontrar esse tipo de entretenimento fora de *shopping centers*, que geralmente se restringem aos grandes centros urbanos. Infelizmente, ter um bom cinema por perto é privilégio para poucos dentre a população interiorana.

Em Itararé a situação é exatamente essa. Se um itarareense se interessar em ver um filme no cinema (comercial), não o encontrará em seu município, sendo preciso se deslocar para cidades próximas como Itapeva ou Jaguariaíva – ambas são exemplos raros dentre as cidades pequenas que garantiram a sobrevivência do cinema até hoje. Para frequentar cinemas de maior porte (sempre em *multiplex* de *shopping centers*), é preciso viajar para mais longe ainda, em cidades como Itapetininga, Sorocaba ou Ponta Grossa.

A crítica situação atual do cinema no interior do Brasil torna-se curiosa se traçarmos um paralelo com a situação de décadas atrás. Por incrível que pareça, pequenas cidades já abrigaram grandes cinemas de rua que por muitos anos foram sinônimo de sucesso, inclusive Itararé. Qual seria, portanto, o motivo que levou os cinemas de rua se tornarem quase extintos em nossa região?

¹ Acadêmico do 6º semestre do curso de licenciatura em História das Faculdades Integradas de Itararé.

A história do cinema em Itararé remete ao início do século XX, em 3 de janeiro de 1914, quando foi inaugurado com grandes festividades o Teatro São Pedro, idealizado e realizado por Leôncio Pimentel, sob aclamados discursos exaltando o progresso da cidade. Seguindo o modelo dos teatros da época, o Teatro São Pedro não sediava somente espetáculos teatrais, mas oferecia um abrangente leque de atrações, como podemos observar na descrição feita por Adriano Queiroz Pimentel²:

O noticiário de imprensa local descrevia o tipo dessa construção, que obedeceu a três fins principais: diversões em geral e estudos na parte principal; cinema-teatro, na parte secundária. Para isso possuía duas espaçosas salas à direita e à esquerda da entrada, destinada a bilhares e biblioteca, um grande salão para bailes, conferências, etc. No centro, parte térrea, e no sobrado diversos cômodos para jogos e outros divertimentos; e anexo ao salão principal um grande pavilhão para funções teatrais e cinematográficas.



Fachada do edifício do Teatro São Pedro.

Além das várias opções de cultura e divertimento que o local oferecia, o salão principal também incluía em suas atrações exposições cinematográficas. Nesses anos, quando o cinema estava em sua fase inicial, ainda não havia uma demanda de produção comercial capaz de preencher programações completas

² 1982, p. 60.

em estabelecimentos voltados unicamente ao cinema. Sem estrutura nem consolidação para se sustentar como entretenimento autônomo, o cinema daquele período era sempre um acompanhante de outras diversões mais populares, como o teatro.

Concomitantemente, o hábito de ir ao cinema não estava arraigado ao cotidiano do brasileiro, sendo ainda algo novo e exótico. Por esses e outros motivos, as projeções de filmes naquela época eram realizadas em casas de entretenimento que agregavam diversas atividades culturais, em uma estrutura inspirada em modelos europeus.

Nesse mesmo período houve mais uma novidade do gênero em Itararé, o luxuoso Cine Teatro Central, inaugurado pelo Maestro José Melillo na Rua General Carneiro (hoje, XV de Novembro), onde, durante a projeção dos filmes, músicos tocavam junto ao palco instrumentos como piano e violino para musicalizar os filmes mudos.

Anos mais tarde o estabelecimento foi vendido ao Sr. Eugênio Dias Tatit, que o transferiu de lugar e modificou seu nome, passando a se chamar Cine Teatro São José. Por aproximadamente uma década este cine-teatro comandou sozinho o circuito de cinema da cidade, alimentando a cultura cinematográfica até sua definitiva consolidação no costume popular itarareense.

Mesmo com o sucesso do Cine Teatro São José, os tempos áureos do cinema na cidade só começaram mesmo nos anos 50, quando foi inaugurado o Cine Itararé. O próprio nome já evidenciava que o novo cinema fora idealizado totalmente voltado para a atividade cinematográfica, ainda que periodicamente fossem realizadas formaturas e conferências em suas dependências.

Esse desprendimento do teatro, que no Cine Teatro São José ainda dividia espaço com as projeções fílmicas, se deu ao fato de que o Cine Itararé foi fruto de um momento onde o cinema já estava consagrado o suficiente para não mais precisar se inserir em estabelecimentos de entretenimentos variados. O interesse popular pelo cinema já seria garantia de sua independência financeira e cultural em relação a outras atrações artísticas.

Inaugurado em 12 de junho de 1955 sob uma direção inicial associada entre Antonio Colturato Filho, Jurandir Pimentel e Sérgio Augusto Viana, o Cine Itararé foi erigido em uma região nobre da cidade, em um trecho de grande movimentação na Rua São Pedro, próximo à Praça Francisco Alves Negrão. Ele

logo se destacou por sua grandiosa construção, de porte majestoso tanto em sua fachada como em seu interior. Segundo Luiz Toth, que por quase duas décadas trabalhou como operador de projeção no local, este cinema foi construído aos moldes de um sofisticado cinema de Londrina (PR), tornando-se assim referência de qualidade e conforto em toda a região, sendo frequentado por pessoas de várias cidades vizinhas.



Cine Itararé na década de 1950.

O Cine Itararé não possuía camarotes e galerias, como seus contrterrâneos anteriores, mas por outro lado abrigava cerca de mil acentos, distribuídos sobre uma estrutura interna inclinada cujo topo ficava a aproximadamente 4 metros do nível da rua. Tinha uma arquitetura moderna, com iluminação indireta que circulava o salão de projeções, e oferecia a melhor tecnologia da época, com lentes como *Cinemascope* e *VistaVision*. Tinha contrato de aluguel de filmes com as melhores distribuidoras, entre elas a *Twentieth Century Fox*, *Warner Bros. Entertainment*, *Paramount Pictures*, *Metro-Goldwyn-Mayer*, *Universal Studios* e *Paris Filmes*. Estreou suas instalações com uma sessão do filme *A princesa e o plebeu* (*Roman Holiday*, 1953), e desde então exibiu uma grande diversidade de filmes por 27 anos.

Em conversas informais com itarareenses que vivenciaram os anos em que havia cinema na cidade, é fácil identificar que o que mais os marcou foram os épicos de *Hollywood*, os *western* (ou *bangue-bangues*, como eram chamados

popularmente) e, entre as produções brasileiras, o gênero que mais tinha apelo ao público eram as comédias do Mazaropi.

Havia também a exibição de seriados, como, por exemplo, *O Vingador Desconhecido*, com um episódio a cada domingo. Mesmo com a incrível lotação de mil lugares, o antigo projetorista Luiz Toth afirma que era comum o cinema exceder sua capacidade de público, muitas vezes exibindo filmes com dezenas de pessoas assistindo em pé, nas laterais.

O Cine Itararé certamente ocupa um lugar especial na memória dos itarareenses daquela geração. O cinema, naquela época, não se resumia ao simples ato de ver um filme. Na verdade, ele representava um evento social, que unia toda a cidade para se divertir por algumas horas, imersa na fantasia do cinema. Os grandes lançamentos por vezes ficavam até uma semana em cartaz, quando toda a cidade ficava envolta nos comentários sobre o filme.

Esses anos de glória do cinema em Itararé perduraram até o fim da década de 60. A partir dos anos 70 a situação começou a se alterar, quando surgiram alguns fatores que, aos poucos, afetaram negativamente o cinema.

Como primeiro grande fator a prejudicar o cinema, podemos apontar o surgimento da televisão. Foi em dezembro de 1966 que se instalou o serviço de televisão em Itararé, juntamente com o Clube da TV, grupo que se formou para supervisionar a manutenção das instalações. Em um lento processo, a televisão acabou se tornando um elemento comum nos lares itarareenses, o que acarretou em uma verdadeira revolução nos hábitos da população.



Anúncio publicitário de televisores publicado na *Tribuna de Itararé* em outubro de 1966.

O contato com o entretenimento audiovisual, anteriormente restrito aos cinemas, agora estava na sala das residências. A comodidade da televisão contribuiu para que as pessoas ficassem mais em suas casas. O cinema, conseqüentemente, sofreu abalos. A popularização do vídeo tirou do cinema seu monopólio de entretenimento no gênero. A contemplação das obras cinematográficas passou a ser também um ato solitário, entre espectador e televisão, se desvincilhando do conceito cinema/evento social.

Multidões não mais se reuniam com a mesma frequência para ir ao cinema, já que agora os filmes também poderiam ser exibidos dentro dos lares de cada um. Obviamente, essa mudança não foi repentina – foi um lento processo de transição que gradativamente firmou raízes no cotidiano e, assim, alterou o hábito de assistir filmes.

Além da popularização da televisão, outros fatores menos óbvios contribuíram para a decadência do cinema em Itararé. Em plena época da Ditadura Militar no Brasil, por exemplo, foi decretada uma lei que determinava uma cota específica de exibição de filmes brasileiros para uma determinada quantidade de filmes estrangeiros. No entanto, tal exigência não correspondia à situação da indústria cinematográfica no Brasil, que na época não tinha um ritmo de produção e distribuição que atendessem a essa nova demanda.

Como resultado, produções de baixo orçamento e de qualidade duvidosa – as famosas “pornoanchadas”³ – passaram a ser realizadas em grande quantidade, dominando a produção cinematográfica nacional, e cinemas de todo o Brasil se viram obrigados a dar prioridade de exibição aos filmes nacionais. Com isso, a pornoanchada passou a ser um gênero recorrente, muitas vezes dominante, na programação dos cinemas brasileiros, e em Itararé não foi diferente.

A pornoanchada foi um gênero que, apesar de ter garantido certa popularidade e lucro financeiro por um momento, não foi do agrado de boa parte da sociedade, sobretudo as camadas mais puritanas ou as intelectualizadas, o que contribuiu para a má fama que o cinema brasileiro adquiriu a partir desse período.

³ A pornoanchada foi um gênero cinematográfico que surgiu no Brasil na década de 1970 e se caracterizava por produções independentes que traziam elementos da antiga chanchada sob uma abordagem altamente erotizada, com influência de comédias populares italianas.

Em Itararé houve grande rejeição a esses filmes, ocasionando na gradativa diminuição de público nos cinemas. Não havia como escapar da exibição das pornochanchadas, mesmo que a frequência nessas seções fosse mínima. A obrigatoriedade em realizar sessões cada vez mais vazias acabou provocando um significativo prejuízo aos cinemas da cidade, agravado ainda mais com os altos impostos que tinham que ser pagos ao município e à Embrafilme.

As pornochanchadas afetaram não somente a frequência de suas próprias seções, mas também das seções de filmes estrangeiros, já que a qualidade da programação dos cinemas causou o desinteresse dos mesmos na cidade. Sendo assim, apesar do sucesso que muitos filmes estrangeiros ainda tinham ao estrear em Itararé, nenhum mais se comparava aos sucessos dos anos anteriores.

As novas gerações cresceram vendo o cinema como um local reservado para filmes “imorais” em sessões quase vazias e mal frequentadas. Celso Colturato, filho de Waldemar Colturato, um dos antigos sócios do Cine Itararé, relata que, certa vez, houve uma procissão religiosa pela Rua São Pedro, e ao passar em frente ao Cine Itararé, muitos da multidão protestaram, indignados, devido a um cartaz de um filme brasileiro cujo conteúdo era de caráter erótico – uma vez que as pornochanchadas sempre se utilizavam de cartazes apelativos com duplo sentido.

Com o passar dos anos, a imagem do cinema brasileiro foi bastante prejudicada, e frequentar um cinema não era mais uma diversão muito apreciada pela grande maioria. No caso de Itararé, é possível notar o reflexo dessas pequenas mudanças na *Tribuna de Itararé*, onde toda semana se publicava a programação dos cinemas.

Entre as décadas de 50 e 60 havia um considerável espaço no jornal para a publicação da programação do Cine Itararé, com uma breve descrição de cada filme que seria exibido naqueles dias, além de grandes e chamativos espaços publicitários que esporadicamente exibiam cartazes de filmes muito aguardados que chegariam em breve.



CINE ITARARÉ
Rua São Pedro, 1292 - Fone 1.171

HOJE: em matinée, às 14 horas, **A ALEGRIA DE VIVER**, Censura livre, com Eliana, Afonso Stuart, Ivon Curi e Trio Irakitan.

HOJE: em soirée em duas sessões, às 7 e 9 horas, **MEUS DOIS CARINHOS**, SuperScope Colorido, Censura livre, com Rita Hayworth, Frank Sinatra e Kim Novak.

2ª SEMANA! **Meus Dois Carinhos**
SOLIMBRIA PICTURES APRESENTA
RITA HAYWORTH
FRANK SINATRA
KIM NOVAK
TECHNICOLOR
SUPERSCOPE
PR. 4. INOS

HOJE PIRANGA
SESSÕES às 14 e 18
18 - 20 e 22 horas
5ª FEIRA
6ª FEIRA
DOMINGO

2.ª e 3.ª Feira: o mesmo programa, **MEUS DOIS CARINHOS**.

4.ª e 5.ª Feira: **JULGADO PELO MUNDO**, com Edmund O'Brien e Mona Freeman. Proibido até 10 anos.

6.ª feira e Sábado, **A CASA DOS HOMENS MARCADOS**, com Jack Palance, Proibido até 10 anos.

Domingo: em matinée, **AVISO AOS NAVEGANTES**, com Oscarito, censura livre.

Domingo: em soirée, **ARQUEIRO MISTERIOSO**, cinemascope colorido com Robin Hood, June Laverich, David Farrar e Marius Corring, censura livre. Novas e inéditas fanhas do filho de Robin Hood o idolo da floresta de Sher Wood.

Anúncios de destaque publicados na *Tribuna de Itararé* na década de 1950 para grandes lançamentos no Cine Itararé.

A partir de maio de 1960 o Cine São José também passou a publicar sua programação semanal, pois foi quando os irmãos Tatit, proprietários, o arrendaram para a Empresa Sorocabana, dos irmãos Colturato, também donos do Cine Itararé.

No fim da década de 60, no entanto, a programação de cinema teve seu espaço diminuído no jornal; não havia mais a descrição de cada filme, nem imagens chamativas de lançamentos aguardados; somente uma pequena lista indicando o nome dos filmes. Na década de 70 as publicações sobre o cinema começaram a oscilar, não mais aparecendo em todas as edições, até que sumiram completamente dos jornais.

O Cine Itararé volta a publicar sua programação somente no fim da década, em uma nova coluna que agora englobava não somente cinema, mas falava também sobre televisão e eventos culturais na cidade – deixando claro que o cinema não era mais destaque quando o assunto era entretenimento; a concorrência da televisão já demonstrava seu poder.

Nesse período, o Cine São José já havia fechado. Em 1979 o Cine Itararé foi arrendado para João Bloés, dono de cinemas de Capão Bonito, e logo fechou. Ao contrário do que houve em algumas cidades próximas, não houve nenhum tipo de manifestação popular para impedir o fechamento do último cinema da cidade, trazendo à tona a constatação de que, na época de seu fechamento, o cinema já estava bem longe da representação social que tinha nos anos anteriores em Itararé.

Esse breve histórico sobre o auge e decadência dos cinemas de rua em Itararé se insere em um contexto que abarcou todo o Brasil durante o século XX. Hoje em dia, são poucas as cidades pequenas que ainda mantém algum cinema em funcionamento, e na maioria desses exemplos escassos, a demanda de público é sempre pequena se comparados aos cinemas *multiplex* dos *shoppings centers*, líderes no mercado de cinema atual.

Na maioria das cidades, a decadência dos cinemas em meados dos anos 80 cedeu lugar ao crescimento urbano e a necessidade de grandes espaços no centro para a instalação de mercados, grandes lojas, estacionamentos e igrejas. Os velhos prédios de cinema, geralmente erigidos em grandes terrenos, tornaram-se alvos comuns para investidores com novas propostas. O Cine Itararé é um exemplo disso, já que, apesar de não ter sido demolido, teve seu prédio modificado para ser substituído por lojas e também uma igreja.

Com esses apontamentos, podemos compreender que, em cada época, o cinema tem um significado específico perante a sociedade, desde os imponentes e tradicionais cine-teatros até os modernos e consumíveis *multiplex*. No caso de

idades pequenas como Itararé, que no passado abrigaram grandes cinemas em seus anos de glória, a era do cinema já se foi. Para o povo itarareense, o cinema de hoje é um elemento muito distante de sua realidade social, um entretenimento que se reserva apenas aos grandes centros e não tem nenhuma ligação com sua cidade – um triste contraste perante tudo aquilo que o cinema já significou para Itararé.



Programação semanal dos cinemas publicada na *Tribuna de Itararé* em 1960.

Referências Bibliográficas:

PIMENTEL, Adriano Queiroz. **Apontamentos Históricos de Itararé**. Itararé: Tipografia Itararé, 1982.

BANDONI, Lázara Aparecida Fogaça. **Itararé na história**. Itararé: Tipografia Itararé, 2008.

Jornal **Tribuna de Itararé**. Itararé, 1955-1980. Semanal.

Fontes Orais:

Luiz Toth, antigo projetorista do Cine Itararé. Concedeu uma entrevista em 28/05/12.

Celso Colturato, filho de Waldemar Colturato, um dos sócios do Cine Itararé. Concedeu uma entrevista em 28/05/12.

Tomé Teixeira: o pioneiro de nossa Educação

Daniel Barreto⁴

Localizado na histórica Rua XV de Novembro, a Escola Estadual Tomé Teixeira é o colégio mais antigo e tradicional de nosso município. Fundado em 27 de setembro de 1910, a instituição de ensino acompanha a trajetória da cidade de Itararé das primeiras décadas do século XX até os dias atuais.

Ainda que a escola já tenha recebido várias homenagens em seus 113 anos de existência, muitas informações referentes ao seu nome são ainda desconhecidas. Afinal, quem foi Tomé Teixeira?

Nascido em Apiaí no dia 21 de dezembro de 1876, Tomé Teixeira era filho de Simão Teixeira e de Maria Teixeira. Fez o Curso Complementar na cidade de Itapetininga, onde após sua finalização ingressou no magistério público estadual no ano de 1895.

Após sua formação lecionou e dirigiu por alguns anos o então Grupo Escolar da Faxina, até que foi nomeado para o Grupo Escolar que se edificava em Itararé, no ano de 1910. Acatando as responsabilidades, Tomé Teixeira seria o primeiro diretor do Grupo Escolar.

Apesar de fundado o Grupo Escolar, o prédio onde hoje se localiza a escola ainda não estava concluído. A conclusão das obras e a inauguração do prédio se deu em dezembro de 1914, portanto, pouco mais de quatro anos após o início das atividades do Grupo Escolar.

No extenso período que esteve à frente do Grupo Escolar como diretor e professor, Tomé desenvolveu várias ações visando despertar nos estudantes a consciência da importância da participação nas atividades escolares.

Tomé fundou a Biblioteca Escolar, organizou consultas odontológicas para os alunos (também chamado de Gabinete Dentário Escolar), promoveu o escotismo e contribuiu para a criação de uma Cooperativa Agrícola na escola.

Esta última realização possibilitou, inclusive, avanços na produção de algumas culturas, como o trigo e o algodão, colaborando ainda mais para sua fama enquanto incentivador da agricultura. Certamente, sua postura em conciliar o ensino ao cultivo no campo se explica por conta de muitos dos

⁴ Acadêmico do 6º semestre do curso de licenciatura em História das Faculdades Integradas de Itararé.

estudantes na época basearem sua vida na zona rural, daí a necessidade de orientá-los com relação ao tema.

A cada ano que o Grupo Escolar completava, comemorações eram marcadas com o objetivo de celebrar a data. Entre essas festividades, se destacava a Festa das Árvores, que tinha dentro de sua programação a aguardada palestra sobre a atividade agrícola.

Casado com a também professora Maria Augusta Brisola Teixeira, Tomé se aposentou em 1933, depois de 38 anos trabalhando pela educação. A aposentadoria, no entanto, não significou sua parada nos estudos. O professor escreveu em jornais, sendo um grande pesquisador, orador e latinista.

Depois da aposentadoria, Tomé passou a viver em Santos com sua família, onde faleceu no dia 25 de junho de 1954.

Imagens de uma época:

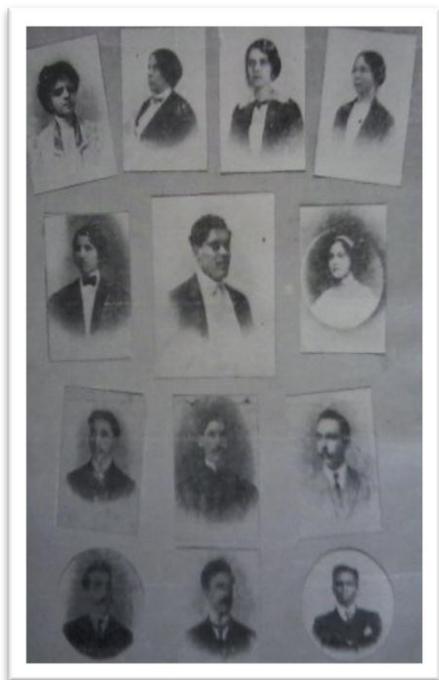


Imagem 1: Primeiro corpo docente do Grupo Escolar, entre 1910 e 1914.

Imagem 2: Primeira turma de escoteiros no início da década de 1920.



Imagem 3: Professor Tomé Teixeira.

Imagem 4: Alunos do 2º ano B em 1915. Entre os alunos, no centro, o professor e diretor do Grupo Escolar, Tomé Teixeira e o professor Diógenes de Mello Pimentel.

Visite a escola!

Com uma construção centenária, a Escola Estadual Tomé Teixeira atende estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Andar pelo antigo Grupo Escolar é pisar num ambiente que preserva sua tradição. A escola está localizada na Rua XV de Novembro, 120.

Material consultado:

Jornal **O Itararé**, Itararé, 27 de junho de 1954.

PIMENTEL, Adriano Queiroz. **Apontamentos Históricos de Itararé**. Itararé: Tipografia Itararé, 1982.